

UM ESTUDO ENUNCIATIVO DE RACHEL DE QUEIROZ À LUZ DO HIPERGÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

AN ENUNCIATIVE STUDY OF RACHEL DE QUEIROZ IN THE LIGHT OF THE HYPERGENRE COMICS

Ivan Vale de Sousa*

RESUMO: O Modernismo Brasileiro representou uma transformação na efetivação das obras dos escritores brasileiros, inserido outras linguagens artísticas ao movimento, bem como a função da mulher como escritora. Nesse sentido, os objetivos deste trabalho são: apresentar o contexto do Modernismo Brasileiro; destacar a proposta inovadora do movimento e a inserção da mulher no campo literário; realizar um estudo enunciativo da escrita de Rachel de Queiroz e refletir a relevância na adaptação literária de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz para o hipergênero Histórias em Quadrinhos. Assim, espera-se que estes apontamentos contribuam na efetivação do processo leitor dos cânones literários na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo Brasileiro. Rachel de Queiroz. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT: The Brazilian Modernism represented a transformation in the effectiveness of the works of the Brazilian writers, inserted other artistic languages to the movement, as well as the role of the woman as a writer. In this sense, the objectives of this work are: to present the context of Brazilian Modernism; to highlight the innovative proposal of the movement and the insertion of women in the literary field; to carry out an enunciative study of the writing of Rachel de Queiroz; to reflect the relevance in the literary adaptation of Rachel de Queiroz *The Quinze* to the hypergenre Comics. Thus, it is expected that these notes contribute in the effectiveness of the reading process of the literary canons in the school.

KEYWORDS: Brazilian Modernism. Rachel de Queiroz. Comics.

* Mestre em Letras pelo Instituto de Língua, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Faculdade Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília (IdA/UnB). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pelo Laboratório de Novas Tecnologias da Universidade Federal Fluminense (LANTE/UFF). Professor de Língua Portuguesa na Escola Novo Horizonte, em Parauapebas, sudeste do Pará. Email: ivan.valle.de.sousa@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde as origens da Literatura Brasileira que a produção masculina tem se destacado no contexto literário com a representação de poemas, sonetos e romances, visto que, os grandes expoentes literários nacionais foram representados por exímios escritores na leitura e na apreciação das obras. As inovações no campo da literatura estavam, aos poucos, começando a mostrar-se, sobretudo com a realização da Semana de Arte Moderna (SAM), ocorrida entre os dias 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal, na cidade de São Paulo, conforme evidenciam documentos que retratam os acontecimentos de uma nova etapa no campo literário nacional.

Mesmo sendo protestada por alguns renomes da nossa literatura, entre eles, José Bento Renato Monteiro Lobato, a SAM, como ficou conhecida, ou Semana de 22, possibilitou o ingresso de novos escritores e a inserção de outras linguagens artísticas, como as obras plásticas, por exemplo. Os acontecimentos ocorridos pós-Semana de Arte Moderna permitiram, ainda, a inclusão atuante e feminina na recepção das produções literárias, oferecendo espaço para que algumas mulheres demonstrassem seus talentos literários e viessem a ocupar os mesmos lugares na imortalidade de suas obras, como parte dos nossos clássicos.

Em busca da nacionalidade, a Semana de Arte Moderna representou o ponto de partida para que as inovações ocorressem no campo das nossas letras. Os dias que simbolizaram o despertar do pensamento modernista não foram os mais silenciosos possíveis como muitos acreditam; eles direcionaram

a criação de um estilo modernista que valorizasse o nacionalismo, lançasse olhares ao cotidiano, surgia, nesse sentido, com a SAM, o Modernismo Brasileiro e, com ele, novos escritores passaram a ser conhecidos no contexto literário.

O movimento resumia-se em uma forma de expressão libertária no campo dos nossos registros e das produções literárias que começava a se firmar, mesmo diante dos desafios e descrença por boa parte da elite paulistana. O Modernismo previa o rompimento com o que os escritores chamavam de tradicionalismo e, ao mesmo tempo, propunham inovações a partir dos pontos norteadores do movimento literário: *liberdade estética, utilização do humor na estruturação dos versos, valorização do cotidiano*, entre outras características.

Alguns méritos são direcionados às primeiras mulheres que trilharam um caminho até então percorrido pela produção masculina, entre elas, Cecília Meireles, que se firmou como escritora intimista e, ao mesmo tempo, espiritualista, destacando-se na produção da poesia. Contudo, é com a chamada “Geração de 30” que o romance ganhou destaque na produção de Rachel de Queiroz com o pseudônimo de “Rita de Queluz” e, aos poucos, as mulheres começavam a demonstrar talentos artísticos na literatura.

Rachel de Queiroz firma-se como escritora com a produção de *O Quinze* que a insere de forma contundente no cenário literário e a voz da autora ecoa por meio da obra relatando as mazelas oriundas da seca. Assim sendo, após sua consagração na literatura e na composição da Academia Brasileira de Letras, o

surgimento e a recepção de outras escritoras são bem-vistas pelo Modernismo Brasileiro.

Enaltece-se que a escritora em representa, sobretudo um dos grandes expoentes na valorização da escrita feminista no contexto das inovações rebuscadas pelo Modernismo Brasileiro e, de tal modo, este trabalho, projeta a relevância de Rachel de Queiroz no contexto literário nacional, desde sua estreia às possíveis influências, por isso, o presente estudo divide-se em dois tópicos. No primeiro, alguns apontamentos do clássico *O Quinze* são apresentados, bem como a inserção de Rachel na literatura. O segundo, por sua vez, propõe uma releitura da adaptação da obra à luz das histórias em quadrinhos (HQs) com base em dois recortes, elucidando a relevância das adaptações na ampliação do processo formativo de leitores no âmbito das aprendizagens.

O NORDESTE E A ESCRITA DE RACHEL DE QUEIROZ NA LITERATURA

O contexto literário brasileiro tem sido marcado pela produção e pela voz masculina desde a Literatura de Informação ao Pré-Modernismo, conforme os registros afirmam. O campo da literatura nacional, nesse contexto, sempre foi um espaço em que o escritor expressava seus sentimentos, além de retratar costumes e valores da época, localizando-os por meio dos fatos e vultos históricos.

A modernidade e a inclusão feminina na escrita tiveram seu apogeu com a implantação do movimento vanguardista escola Modernismo que teve início desde o planejamento à realização da Semana de Arte

Moderna, em 1922. Durante os dias de evento, isto é, da SAM, encontramos os primeiros registros da intervenção feminina na produção literária. Assim, o início deu-se com a exposição da artista plástica Anita Malfatti, que suscitou as maiores discussões durante a Semana de 22, entre as 20 telas expostas, *O homem amarelo* foi a que mais provocou os mais acalorados debates, além disso, há registros de outra representante na área musical, Guiomar Novaes.

Outra obra que rendeu duras críticas de Monteiro Lobato foi o quadro *O torso*, de Malfatti, que apesar do posicionamento contrário do escritor à artista e ao movimento, deixou-a bastante chateada pela dureza na colocação das palavras emitidas ao jornal *O Estado de S. Paulo*, no ano de 1922, o que não deixou de ser uma oposição à obra e ao movimento que estava despertando e se firmando como novo movimento vanguardista literário e, de certo modo, a visualidade da SAM teve seu estopim mediante as críticas de Lobato que, de alguma maneira, contribuiu para que a sociedade paulista se voltasse ao movimento.

A seguir, é possível observar uma das primeiras manifestações de cunho feminista no campo literário e no contexto das artes plásticas em prol da consolidação do Modernismo, o quadro que rendeu duras críticas de Monteiro Lobato e que trouxe as devidas atenções ao movimento de vanguarda.

Imagem 1: O torso, de Anita Malfatti



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/535295105683767054/>>. Acesso: 10 jun. 2016.

O Modernismo Brasileiro trouxe entre outras inovações, a inclusão da figura feminina na divulgação e publicação das obras literárias. Mesmo com desconfiança por parte dos escritores, no interior do Ceará, despontava de maneira tímida, uma escritora que retratou a realidade de sua comunidade: surgia a produção literária de Rachel de Queiroz marcada, fortemente, pelo regionalismo em que o estado do Ceará e suas especificidades foram referências no romance; a linguagem da escritora, nesse sentido, apresentava-se fluente, cercada de diálogos de fácil compreensão o que resultou em uma narrativa marcada pela dinamicidade.

Os pontos de partida na escrita de Rachel de Queiroz são os aspectos de cunho social, visto que uma das preocupações do Modernismo era trazer à baila essas questões para a produção literária, a cotidianidade

vista sob um olhar poético e, ao mesmo tempo, estético. A prosa da escritora é categorizada no romance de 1930 e buscou refletir acerca das crises, das transformações sociopolíticas e econômicas do nosso país em voga no período, contudo a relevância da autora começava a despontar no cenário literário nacional.

A gênese de Rachel de Queiroz é, originalmente, cearense e de influência literária notória do escritor José Martiniano de Alencar pertencendo ao Romantismo, de um talento, inegavelmente, admirado. Acredita-se que a escritora tenha herdado algumas das qualidades de José de Alencar, poeta indianista, na sua forma de escrever.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, no Ceará, em 17 de novembro de 1910. Descendente de José de Alencar, o célebre autor de *O Guarani* e *Iracema*, e filha de professores, cresceu cercada por livros e literatura. Em 1917 sua família se viu obrigada a fugir da seca, migrando para o Rio de Janeiro e depois para Belém do Pará. Mais tarde, retornou ao Ceará e, em 1925, formou-se no curso Normal. Em 1927, com o pseudônimo de Rita de Queluz, começou a escrever para jornais, até que, em 1930, aos 19 anos, escreveu o romance *O Quinze*, responsável por inseri-la no rol dos grandes escritores do Brasil. A partir de então, Rachel entrou em contato com intelectuais e comunistas, passando a sofrer perseguição política. Em 1977, tornou-se a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras. Em 2003, Rachel faleceu deixando uma herança de sete romances (entre eles, *Memorial de Maria Moura*, *As três Marias* e *Dora, Doralina*), além de obras infanto-juvenis, peças de teatro,

crônicas, livros didáticos, etc., publicados com grande repercussão no Brasil e no exterior. (LEITE, 2013, p. 82, grifos do autor)

Embora a escritora tenha produzido textos e os tenha publicado em livros de crônicas é com a obra *O Quinze*, de 1930, que se destaca na efetivação do movimento literário modernista. O romance apresenta características de uma escrita contundente e enxuta, a estruturação dinâmica no campo da narrativa retrata um pouco das situações vivenciadas na sua infância, sobretudo as mazelas oriundas da seca e o romance é desenvolvido a partir da duplicidade dos planos: social e amoroso. A atribuição de título à obra deu-se em decorrência de uma devastadora seca ocorrida em 1915, considerada como uma das mais terríveis pelos sertanejos.

O mote narrativo, nesse sentido, desenvolve-se a partir da seca vivida na infância e na jovialidade da escritora, na fazenda Quixadá, localizada no sertão cearense. A escrita de Rachel pode ser considerada uma representação das dificuldades da poetisa, que em 1917, mudou-se com a família para a cidade do Rio de Janeiro deixando para trás os horrores da seca, na expectativa de dias melhores.

As peculiaridades na escrita de Rachel de Queiroz, na obra *O Quinze*, certamente, representou uma renovação na ficção regionalista que elucidou as mazelas provocadas pela seca e, de modo igual, obrigava ao sertanejo tornar-se um retirante. A maestria da autora foi muito bem representada, correlacionando os aspectos sociais de maneira harmônica com o estado psicológico de cada

personagem, pois, o ponto norteador de sua produção literária foram as condições e as reflexões possibilitadas pelos horrores seca.

O cotidiano do povo nordestino ganha destaque na produção de Rachel. A autora cria na sua narrativa um mosaico social da região nordestina, ao passo que relata, também denuncia as precárias condições vividas pelos sertanejos. Assim, a inserção da escritora passa a ser admirada e, inclusive, influenciando outros autores do Modernismo, como é o caso de Graciliano Ramos que “comprovadamente leitor de Rachel de Queiroz, pode ter sido influenciado por temas e ideias previamente trabalhados pela escritora em suas obras, independente da qualidade estética dessa influência” (SCHLECHT, 2010, p. 52).

A revelação de Rachel de Queiroz deu-se a partir da escrita de *O Quinze*. Com a obra começava a surgir uma escrita de cunho social e preocupada com as questões sociais em um campo que desde as origens da nossa Literatura tinham sido percorridas pela produção masculina.

Entre os 19 e os 20 anos de idade, magrinha, a jovem Rachel preocupa os pais, pelo perigo de que venha a adoecer de tuberculose. É quando começa a escrever um livro sobre a seca, à mão, em cadernos escolares – durante a noite, deitada no chão, à luz de uma lamparina a querosene, para que a suponham em sonho profundo, e não encher folhas pela madrugada afora. Será *O Quinze*, cujos primeiros leitores, Dona Clotilde e Dr. Daniel, resolvem pagar dois contos de réis a uma gráfica de Fortaleza pela impressão de mil exemplares. (CAMINHA, 2010, p. 10)

A importância da produção literária em Rachel de Queiroz é ampla por representar um marco no âmbito literário brasileiro, além disso, há fortes indícios de que tenha servido como inspiração para que outras obras fossem pensadas no Modernismo. É nesse estilo literário que a presença feminina começou a despontar no cenário nacional; ela representa a precursora no contexto da literatura, sobretudo no romance, deixando rastros para que outras escritoras viessem a contribuir com seus escritos e fortalecer a nova e inclusa fase literária em vigência no país.

Além disso, o que nos parece de certo modo é que a influência de Rachel de Queiroz, isto é, da forma de provocar o encadeamento da narrativa pode ser observada em duas obras de autoria de Graciliano Ramos, conforme evidenciada no excerto seguinte.

Como se sabe, os dois romances de Graciliano Ramos em questão são posteriores aos de Rachel de Queiroz. *O Quinze* é de 1930; *Vidas Secas*, de 1938. Já *João Miguel* é de 1932 e *Angústia*, de 1937. Com isso fica patente, que Graciliano foi leitor das obras de Rachel de Queiroz bem antes de escrever *Vidas Secas* e *Angústia*, o que dá reforço à afirmação de que Rachel tenha sido fonte de temas que o escritor iria retomar em seus romances. Esses romances podem ser agrupados da seguinte maneira: *O Quinze* e *Vidas Secas* aproximam-se pela temática da seca e por tratarem da migração forçada de famílias de sertanejos em condições miseráveis de vida no sertão nordestino. (SCHLECHT, 2010, p. 68, grifos da autora)

É possível, ainda, identificar que houve fortes influências da escritora na produção de Graciliano Ramos demonstrando certas semelhanças no foco narrativo que se concretizaram a partir da dualidade na inspiração. Há, nesse sentido, um consenso de respeito e de valorização como o outro enxerga de maneira sensível a realidade que o cerca e conseguir transpor isso, esteticamente, para a literatura requer, de certa maneira, ousadia.

A primeira semelhança que se pode destacar é o fato de ambos fazerem parte da chamada “geração de 30”, que revigorou a literatura brasileira ao incorporar algumas das conquistas formais do Modernismo de 1922 e intensificar a pesquisa da realidade do país, comprometida com a denúncia das precárias condições sociais do Nordeste. Em segundo lugar, há de comum entre eles a denominação, até certo ponto redutora, de escritores “regionalistas”, por serem ambos provenientes da região Nordeste do Brasil e por seu mundo ficcional se concentrar nessa região. (SCHLECHT, 2010, p. 56, grifos da autora)

O Nordeste tem sido a principal matéria-prima para boa parte dos escritores do Modernismo, como também da consolidação de Rachel de Queiroz no cenário literário. As contribuições da autora extrapolaram o contexto literário e sua luta em prol de reconhecimento e habilidade inquestionável em se firmar no ambiente até então ocupado pela presença masculina o que não foi tão simples assim. Por meio da linguagem simples e, ao mesmo tempo, dinâmica, soube retratar na obra que a consagrou, merecimento

e destaque na composição da Academia Brasileira de Letras como primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia.

A singularidade em *O Quinze* está, justamente, na proposição dialógica com a terra natal, além disso, nota-se que a “maneira de representar a mulher é diferenciada de outros escritores regionalistas, visto que, observa a ligação existente entre a mulher e a terra, ou seja, o dinheiro na vida mulher, a presença do feminino na vida dos homens” (PAGANUCCI; FREITAS, 2012, p. 7).

É notória, ainda, que a influência de Rachel de Queiroz a permitiu construir amizades com boa parte dos escritores modernistas e o que mais nos desperta atenção na sua produção é a forma como a simplicidade e a valorização da realidade que envolve seu cotidiano se materializam. Em outras palavras, o que nos parece, é que Rachel é considerada a precursora ao estrear e se firmar em um espaço desbravado e ocupado por escritores.

É nesse contexto que se insere Rachel de Queiroz, que, juntamente com José Américo de Almeida, com *A bagaceira* (1928), foi a precursora do romance chamado regional nordestino, daí a sua importância e posição privilegiada na literatura brasileira do final dos anos de 1920 e, principalmente de 1930. A partir de então, abre-se o universo literário regional e social para autores de peso, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e, posteriormente, Guimarães Rosa. (SCHLECHT, 2010, p. 60, grifo da autora)

A produção literária caracterizada pelo chamado “romance de 30” contou com a

presença e os ideais de Rachel. Coube, nesse sentido, à autora a missão de preparar o terreno na receptividade às escritoras, tais como: Clarice Lispector, Lígia Fagundes Telles, entre outras, que tivessem visibilidade e aceitação no estilo literário em pauta. Embora os registros da produção de Cecília Meireles se categorizem na segunda geração modernista, a chamada fase de consolidação, sobretudo da poesia, também foi expoente importante da função feminina na literatura, entretanto é com Rachel que a produção romanesca tem seu apogeu no que diz respeito à escrita feminina voltada às questões sociais.

Ainda sobre a influência de Rachel na obra de Graciliano nos é permitida fazer outra comparação que indica fortes características da escritora na produção do autor. Tal suposição pode ser observada entre os romances *João Miguel*, de Rachel e *Angústia*, de Graciliano, que “também guardam grandes semelhanças. Ambos são histórias de ciúmes e assassinato, em que a psicologia das personagens principais ganha destaque” (SCHLECHT, 2010, p. 69).

Das escritoras supracitadas, cabe destacar que Cecília Meireles se vale da poesia mais intimista e filosófica; em Clarice Lispector, há a predominância da introspecção e da característica psicológica que explora o mundo interior das personagens, sua produção é, de certo modo, atemporal por não haver uma preocupação com a unidade de começo, meio e fim. Já em Fagundes Telles, há a divulgação dos gêneros literários *conto* e *romance*.

A seca como temática foi a responsável por inserir Rachel no cenário literário

modernista brasileiro. Entre outras obras da autora, há o resgate da brasilidade que se revela a partir do regionalismo utilizado como característica da geração na qual pertencia. O que nos leva a compreender na literatura uma forma de dizer e, ao mesmo tempo, desdizer, ou seja, é o presente que se encontra ausente por meio das figuras de linguagens que na concepção da autora utiliza as figuras de retórica como forma de denunciar as mazelas sertanejas.

Assim, a literatura nas concepções femininas não representa apenas uma “simples transgressão das leis que lhes proibiam o acesso à criação artística. Foi, muito mais do que isso, um território liberado, clandestino. Saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento masculino que as pensava e descrevia *in absentia*” (FREITAS, 2002 *apud* PAGANUCCI; FREITAS, 2012, p. 18).

Rachel de Queiroz é realmente um dos grandes nomes do Modernismo Brasileiro na categoria romanesca e sua imponente na escrita caracterizou a literatura como espaço também feminino, além disso, assumiu diferentes funções que a levaram a ocupar lugar de destaque no contexto literário, entre elas, a de tradutora, cronista, romancista e dramaturga.

As reflexões elucidadas, dessa forma, mostraram que a influência da autora no cenário literário brasileiro com sua estreia e notoriedade na geração de 1930, de certa maneira, preparou o acolhimento para que outras escritoras pudessem fazer ecoar a voz feminina na singularidade das palavras que além de influenciar em parte características na escrita despojada, seca, direta, sutil, expressiva

e cheia de nuances, Rachel e Graciliano estão interligados pela dimensão social, dramática e psicológica.

A OBRA O QUINZE À LUZ DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A leitura das obras literárias na íntegra é essencial para a compreensão contextual em que foi pensada. Além de contribuir com a formação do leitor reflexivo e crítico no espaço escolar e fora dele, os clássicos da Literatura Brasileira mostram suas funcionalidades no processo de ensino-aprendizagem nas formas de possibilitar o acesso e despertar o interesse das novas gerações à leitura, que remonta aos fatos históricos e uma dessas possibilidades é adaptá-los às necessidades dos interlocutores. Nesse sentido, a “leitura exige do agente leitor a capacidade de desenvolvimento da habilidade de compreensão com o mundo que o cerca” (SOUSA, 2016a, p. 25).

A adaptação de uma obra literária e consagrada, neste caso, *O Quinze*, não é uma tarefa fácil, porém, constitui-se de um grande desafio em manter a essência do texto literário. Entre todas as vantagens na adequação de um texto é importante que os leitores conheçam a narrativa no seu contexto amplo. A arte de adaptar, por não ser uma tarefa de fácil execução, merece toda a nossa admiração e, nesse sentido, o autor destacado, no excerto a seguir, evidencia um pouco de sua trajetória com o trabalho de adaptação para os quadrinhos.

Francisco José de Souto Leite, o Shiko, nasceu em Patos, no sertão paraibano, onde viveu até os 20 anos. Mudou-se

para a capital, João Pessoa, mas reside, temporariamente, na Itália. Começou sua carreira com os quadrinhos: desde 1997 desenha e publica o *Marginal-zine*, com frequentes adaptações de obras de escritores como Moacyr Scliar, Augusto dos Anjos, Eduardo Galeano e Xico Sá, entre outros. (LEITE, 2013, p. 82)

A singularidade no processo de adaptação literária de modo que desperte a vontade de conhecimento da obra, mantém estreita relação com a utilização das ilustrações. Estas precisam, de fato, ser atraentes em conformidade com o enredo do clássico adaptado. O ato de ilustrar cumpre a função de atingir públicos específicos, além de auxiliar no entendimento da narrativa, a ação ilustrativa possibilita a reflexão de forma ampliada para interiorizar o que está sendo lido, bem como permitir a inventividade autoral.

As ilustrações na perspectiva da adaptação devem contribuir com a revelação da compreensão textual, porque se constituem como fontes inesgotáveis de informação acerca da sociedade, da cultura e coopera na ampliação de saberes. Ilustrar os acontecimentos de um clássico literário é autorizar o mergulho do leitor nas particularidades inseridas no enredo e na narratividade. Diante disso, compete-se ao ilustrador/adaptador, o objetivo de mediar e, ao mesmo tempo, de “reorganização do que incluiria, inicialmente, autor, obra e leitor para um novo formato através do adaptador; a história se reconstrói para incluir novos elementos. Remodela-se para voltar ao ciclo de autor, obra e leitor” (VIEIRA, 2010, p. 29).

A adaptação na vertente de uma obra literária para as histórias em quadrinhos facilita o acesso aos clássicos, o que significa, em parte, a utilização de outras referências, como das ilustrações, por exemplo. Diante disso, adaptar surge como sinônimo de uma nova ambientação para as personagens, visto que viabiliza tanto a discussão quanto a compreensão do enredo. É por isso que a adaptação na literatura a “figura do leitor apresenta-se mais determinante ainda mais para a realização do processo de criação, uma vez que a intenção é atingir um público com um perfil bastante delimitado e é essa representação que orienta a reescrita de uma obra” (CARVALHO, 2006, p. 17).

A relevância na adaptação literária está em associar o texto às imagens e isso possibilita ao leitor dois tipos de leitura: a textual e a imagética. Essa relação no contexto da obra diminui de maneira significativa o tempo de realização da leitura e, projetar um clássico para as histórias em quadrinhos permite aos leitores uma afinidade com o texto e tanto a narrativa literária quanto a história em quadrinhos são artes eficazes e capazes de representação de momentos sociais e históricos nos quais foram produzidas.

O processo de adaptação de uma obra na perspectiva dos quadrinhos não objetiva a substituição da leitura da narrativa original, representa apenas outras formas de acesso ao conhecimento do clássico. As HQs representam, nesse sentido, vias de acessibilidade ao texto integral, entre outras vantagens do hipergênero histórias em quadrinhos apresentam excelência alternativa às informações destacadas na obra primária.

Do mesmo modo, a quadrinização do foco narrativo de uma obra é uma proposta que merece atenção, desde que se almeje o acesso e o direcionamento ao conhecimento da integralidade textual.

A narrativa das HQs é apresentada em uma sequência que às vezes se alterna entre a linguagem verbal escrita e a não verbal, os elementos gráficos. A característica visual do enredo é desenvolvida a partir dos elementos que compõem essas histórias, tais como, a posição dos balões, as expressões das personagens, a utilização das onomatopeias, etc. (SOUSA, 2015, p. 964)

É preciso correlacionar o texto com as imagens que o ilustrador de conhecimento amplo atribuiu à obra. Uma adaptação considerada de qualidade é capaz de manter um diálogo entre o texto e os elementos gráficos, que vai desde a organização dos quadros ou vinhetas ao formato dos balões, das nuances das cores utilizadas na caracterização das personagens e no enriquecimento do texto destinado à receptividade maior do público apetecido. Dessa forma, os “quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panaceia que atende a todo e qualquer objetivo educacional” (VERGUEIRO, 2010, p. 27), mas como alternativa de acessibilidade ao desenvolvimento da habilidade leitora.

Os elementos utilizados na produção das histórias em quadrinhos e elucidados por Sousa (2015) podem ser observados na página inicial da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, na imagem abaixo. Nela é perceptível que o

adaptador/ilustrador divide a primeira cena em cinco requadros, apresenta as características a partir dos detalhes que permitem ao leitor a compreensão do contexto de produção do clássico.

Imagem 2: adaptação inicial de *o quinze* à luz das hqs



Fonte: Leite (2013)

Os elementos gráficos dialogam com a linguagem verbal destacada nos balões, porém, outra característica que desperta a atenção é a expressividade das personagens por meio dos traços que destacam os desejos emitidos no foco narrativo. O principal artifício que toma a dimensionalidade da cena e mostrada no hipergênero em pauta é a religiosidade, além disso, outros detalhes, por exemplo, a mão calejada, rememora e remonta a luta do sertanejo no contexto da obra. A cena retratada é simples, porém, incisiva ao retratar a natureza temática e composicional que envolve o leitor, despertando-lhe para o conhecimento integral da adaptação e, adaptar, nesse sentido, é uma vertente da tradução.

As adaptações de uma narrativa que acompanha gerações no entendimento do contexto social em que a autora se debruçou

como é o caso de *O Quinze* traz na perspectiva das HQs a funcionalidade que o enredo rebusca do profissional que se submete à arte de adaptar. Ele se encontra em meio aos desafios de agregar valores estéticos ao desenvolvimento do foco narrativo, colabora com a acessibilidade à leitura, desperta e amplia o desejo de tornar conhecíveis outras obras.

Assim, as histórias em quadrinhos são recursos visuais e gráficos que permitem aos leitores decodificarem a mensagem por meio da sequência narrativa criada pela imagem (leitura imagética) e pelo texto (produção escrita). Cabe, ainda, pontuar que uma das principais características das HQs é o predomínio da imagem sobre as palavras; em alguns casos essas figuras conseguem inferir ao leitor os pressupostos da temática evidenciada, em outros, é necessária a junção entre imagem e palavra (texto) e, neste caso, o uso do texto é de fato uma referência à leitura. (SOUSA, 2015, p. 967)

O conhecimento de um clássico consagrado no contexto da adaptação propõe ao leitor a realização interpretativa dos fatos narrados, correlacionando-os com a supremacia das imagens. A visualidade de uma adaptação mantém relação dialógica com o texto que orienta o desenvolvimento do enredo, porque apresenta de maneira receptiva o conjunto da obra inferindo às ilustrações a função de auxiliar o leitor na compreensão do texto.

As histórias em quadrinhos são exemplos de hipergênero porque correlacionam outros recursos gráficos além da escrita, como o uso dos balões, das vinhetas, das

onomatopeias, das interjeições, do jogo de cores que cria uma atmosfera entre as personagens da narrativa. É hipergênero também porque aproxima as linguagens dos diferentes leitores em estágios diversificados, além de propiciar leituras e análises semióticas de contextualização da narrativa.

A adaptação do clássico, doravante, apresentada mostra-se bem-feita, pois, correlaciona texto e imagens, além disso, utiliza as nuances das cores que reproduzem um mosaico no contexto da obra de Rachel de Queiroz. Ainda assim, há que se destacar a forma como o autor reorganiza os quadros e a disposição dos balões, ao passo que, a riqueza de detalhes na expressividade das personagens agrega características à arte de adaptar.

O processo de adaptação é significativo, porque permite a reescrita da obra, mantendo as inferências e as interpretações que direcionam o foco narrativo, pois, a principal função reprodutiva de um texto para os quadrinhos está em não omitir as ideias principais do clássico.

A escolha da versão em HQs justifica-se pela representação que Rachel de Queiroz atribui à geração de 1930 na efetivação do Modernismo por apresentar uma linguagem de fácil compreensão e manter relação que vai desde a tradição à inovação. Tradição porque a obra representou um marco na nossa literatura e, sobretudo pelo destaque feminino em um contexto visitado, dominado pela produção e presença masculina. Inovação porque permite que as novas gerações conheçam por meio da organização adaptável do hipergênero histórias em quadrinhos o diálogo criado

pelo processo, a partir do despontar da voz feminina no contexto literário responsável por projetar novos horizontes para que outras escritoras tivessem espaço para se firmarem no contexto literário brasileiro.

Imagem 3: Adaptação de *o quinze* à luz das hqs



Fonte: Leite (2013)

As adaptações de quaisquer textos na projeção das HQs assumem características lúdicas, por isso, precisam estar em prol da acessibilidade à leitura e das ações comunicativas. Desse modo, o principal desafio dessa arte metodológica é correlacionar a narrativa com as imagens que não são próprias da obra máster e permitir que a atmosfera imagética criada pelo adaptador/artista/ilustrador cumpra a função de enriquecer o desenvolvimento da obra em uma perspectiva inovadora. A semiótica, neste caso, traduz-se por meio das visualidades contidas na adaptação singular em tornar conhecível e acessível o clássico ilustrado.

A adaptação para os quadrinhos requer prática e técnica, pois a literatura em quadrinhos procura transformar as palavras em imagens. Essa tarefa não é mecânica e requer criatividade do adaptador, porque deve haver

um enredo, uma sequência narrativa que deve ser semelhante ao original, a fim de que o leitor reconheça visualmente a relação com obra literária. (NASCIMENTO, 2014, p. 250)

A sensibilidade do ilustrador é colocada em jogo na transposição de uma nova roupagem ao clássico adaptado sem perder o foco narrativo, tampouco omitir as características que subsidiaram a produção do texto original. Uma adaptação de qualidade é a que consegue manter um equilíbrio entre duas vertentes diferentes: a primeira refere-se ao texto direcionador que será o ponto de partida para se pensar de que forma o enredo se organiza na efetivação adaptativa das HQs; a segunda corrobora na disposição das imagens e como essas mantêm relação dialógica com a narrativa construída no clássico, sobretudo no emprego da linguagem.

Compreendendo as histórias em quadrinhos nessa concepção, entendemos também elas são vistas e utilizadas como recursos “pedagógicos acessíveis à promoção de práticas de leitura e escrita mediante as intervenções docentes no fazer pedagógico, além disso, desperta a criatividade, a sociabilidade e instrumentaliza os alunos a compreenderem as mudanças nos diversos contextos” (SOUSA, 2016b, p. 147).

Tais qualidades podem ser observadas na adaptação do clássico, *corpus* deste estudo, conforme mostrados, anteriormente. Houve uma preocupação por parte do artista em construir uma linearidade das imagens com o texto norteador, cujo objetivo principal

dessas visualidades enriquece a narrativa e demonstra ao leitor outras possíveis formas entendíveis da obra até porque o adaptador reproduz, reformula e recria o texto alocando-o em outro gênero.

Há com isso a representatividade de um texto em outro texto. As linguagens complementam-se no processo de reorganização dos acontecimentos apresentados para os novos leitores de forma atrativa e prazerosa, embora isso não desvincule a necessidade de conhecimento do clássico na sua integridade. De tal modo, a adaptação necessita, continuamente de uma ideia-gênese e propiciadora na elaboração da arte de revisitar da narrativa ilustrada e adaptada.

Assim, é preciso pensar de que formas podem ser reinventadas as finalidades empregadas nos clássicos e reorganizadas pelos ilustradores que também assumem a função de leitor e têm a incumbência de direcionar novos leitores na compreensão e conhecimento da obra a partir de seu contexto original. Adaptar é, pois, refazer uma releitura considerando a essência utilizada pelo autor da Obra-base.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios encontrados pelas escritoras na efetivação do Modernismo Brasileiro foram muitos. Adentrar um contexto que até então era primazia da produção literária masculina constituiu-se como processo de resistência, reconhecimento e inclusão. Com as inovações preconizadas pelo movimento modernista, posteriormente, pela receptividade desse período literário às vozes femininas, permitiu que as mulheres ganhassem

espaço podendo ser ouvidas, lidas, criticadas e apreciadas pela classe de intelectuais da época.

As manifestações contrárias ocorridas na Semana de Arte Moderna, de certo modo, centralizaram as atenções ao movimento, bem como serviram de estopim às ideias inovadoras tanto na forma de escrever quanto na recepção de outras linguagens artísticas, como as obras plásticas da precursora Anita Malfatti que mostraram e propuseram ao movimento de artistas a vontade de renovação no fazer literário no país.

O romance no período modernista teve como mote a preocupação com as questões sociais, ao passo que os autores entendiam que a literatura deveria estar a serviço do ser humano nas maneiras de transpor as mazelas para o campo literário de modo que a produção fosse, ao mesmo tempo, poética, de cunho realista, mas sem deixar de lado sua função estética.

Diante desses pressupostos, o Modernismo dividiu-se em fases tentando categorizar um grupo de escritores que apresentavam semelhanças na produção de seus clássicos. É exatamente na chamada “Geração de 30” que se alardeava a função de denunciar as mazelas que o país se encontrava (e por que não dizer, encontra-se?), em que Rachel de Queiroz soube, perfeitamente, transpor isso para o contexto de seu clássico por apresentar uma escrita dinâmica e carregada de significações e intenções: surgia com e no romance de Rachel um espaço promissor para que outras vozes femininas ecoassem nacionalmente.

A influência de Rachel de Queiroz é notória e digna de reconhecimento, porque simbolizou e, ainda, representa um dos principais expoentes na produção do romance brasileiro, por isso foi digna de prestígio o que a condecorou com a receptividade na Academia Brasileira de Letras. Suas obras, aos poucos, vão sendo conhecidas, elogiadas e adaptadas para outros gêneros como é o caso do hipergênero histórias em quadrinhos. E se toda forma de leitura é bem-vinda na escola e orientada com fins específicos é preciso também reconhecer que as adaptações revelam outras maneiras de enxergar e apreciar um mesmo texto com seu processo de imbricação nas múltiplas linguagens.

Ao reverberar que o estudo apresentado se inseriu na lógica da enunciação, objetivou-se no contexto de utilização do Modernismo a expressa necessidade que há muito tempo já era carente na literatura brasileira: liberdade de expressão e oportunidade. E à luz do hipergênero histórias em quadrinhos, reiterou-se o enaltecimento com a aproximação entre o objeto da enunciação, o texto, neste caso, a obra *O Quinze*, na intenção do enunciador com o enunciatário.

Destarte, o processo de adaptação e ilustração dos clássicos literários brasileiros é relevante desde que induza aos leitores o desejo de conhecer também a obra original, a semente que gerou a árvore e abanou os muitos frutos tanto no enriquecimento das aprendizagens quanto na diversificação do ser mediador e leitor, pois a síntese do movimento vanguardista Modernismo Brasileiro insere-se na ótica da inclusão, ampliação dos olhares e na abertura de horizontes reflexivos

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Edmilson. **Rachel de Queiroz: a senhora do não me deixes**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil**. (Tese de doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 2006. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo/php?codArquivo=534>. Acesso em: 28 jun. 2016.
- LEITE, Francisco José de Souto. **Adaptação de O Quinze - Rachel de Queiroz: roteiro e arte Shiko**. São Paulo: Ática, 2013.
- NASCIMENTO, Gabriela Cristina Teixeira Netto. Clássicos da literatura em quadrinhos: uma análise do ponto de vista da tradução intersemiótica. In: **Cultura & Tradução**. João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 247-259, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/viewFile/21705/12206>>. Acesso em: 13 jul. 2016.
- PAGANUCCI, Jeanne Cristina Barbosa; FREITAS, Zilda Oliveira. Rachel de Queiroz e autoria feminina: leitura literária e leitura cultural. In: **IV SEPEXLE – Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras**. Universidade Estadual de Santa Cruz, Campus Soane Nazaré de Andrade, 21 a 23 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/ivsepexle/artigos/art9_paganucci.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.
- SCHLECHT, Cristiane de Vasconcellos. **Olhares divergentes: Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos**. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem/ Universidade Estadual de Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=00077246>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

SOUSA, Ivan Vale de. As histórias em quadrinhos no ensino fundamental: uma abordagem reflexivo-prática no resgate de valores. In: **Congresso Internacional da Abralín. Anais do IX Congresso Internacional da Abralín**. Belém: ABRALIN: PPGL. UFPA, 2015. Disponível em <<http://ixcongresso.abralin.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. Mediação pedagógica e concepções de leitura. In: **Ribanceira – Revista do Curso de Letras da UEPA**. Belém. Vol. VII, num. 2, jul/dez., 2016a. Disponível em <<http://paginas.uepa.br/seer/index.php/ribanceira/article/view/1076>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

_____. Histórias em quadrinhos e mediação pedagógica no resgate de valores éticos no ensino básico. In: SOUSA, Ivan Vale de. (Org.). **Compilação Linguística**. Curitiba: PR: Atena, 2016b.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

VIEIRA, Gabriela de Oliveira. **Adaptação para novos leitores**: como a literatura clássica adaptada fornecida às escolas do ensino público e utilizada pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de obras originais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/ Departamento de Ciências da Informação, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/adapta%C3%A7%C3%A3>. Acesso em: 28 jun. 2016.

Recebido para publicação em 10 abr. 2017.

Aceito para publicação em 30 out. 2017.